

MAIARA GOUVEIA

Maiara Gouveia
Pleno Deserto

Coletânea



Edições Rumi

PORQUE TUDO O QUE É VIVO É SEM MOLDURA

Anônimos erguem templos através dos séculos. Não há rosto que permaneça, e nossa voz participa do coro perene. Além da forma (corpo do poema), existe o canto e o murmúrio de outros seres, existe o fio invisível que tece a obra humana e une à substância do mito ao pequeno instante do poema.

Animal divino é o corpo, sabemos. Enrodilhados neste enigma, estamos misturados. Agora, para sempre, neste livro. O que veio antes se mistura aos nossos versos, e é apenas nosso.

Maiara Gouveia

Inerme

depois de tudo, a cintura entre os dedos
absorvo o silêncio encantado

ela ainda pulsa, não entende,
quando calado sorvo todo encantamento

porque a palavra nesse instante é vã,
e a resposta no suor desfalecido
é, sem dúvida, mais válida

— deixa o corpo descansar sorrindo
deixa o silêncio ecoar bebendo
a rosa cálida de sabor divino

mas ela, aflita, pousa em mim uma vontade
ainda tesa e retesada e até no rosto
a vontade repetida reitera.

Desencanto

As mesmices cotidianas desmoronam
quando estamos juntos.

Parece que o tempo pára e averigua
que cintilamos de volúpia.

Consumidos pela alegria de trazer à tona
um prazer legítimo
que não se repete em mil eras.

De repente, depois da viagem,
voltamos a nos ver entre os limites das paredes:
nossos corpos não vêm mais com paisagens,
ou entre nuvens de luz furta-cor e neon.

Já não somos deuses.

Embebida

E o nítido arranjo
dos lábios, um a um,
e o despudor de vê-los
inocentes,
desnudos num
ir e vir medonho,
embebedada duma
realidade úmida
e carnuda, a coxa nua
roça pele contra pele, o quase
encontro e desencontro
de mim dentro daquela fresta
que ora sobra, ora se insinua
num abre e fecha; as pernas
embaraçadas sob a mesa,
a sombra trêmula
dos pés no chão, o torso
dele na camisa
entreaberta, a cabeleira
em caracol evoca
a noite estrelada
em Holanda brilhante
e turbulenta,
e o deleite ainda evola
feito de um gole de absinto.

Onírico

Vagas contra pedras
cobertas de musgo;

na orla, a espuma
adorna a areia

do sonho da concha,
um canto profundo:

deitadas nas rochas,
líquidas sereias

desmancham os cachos
dos belos cabelos,

navegam nas águas
em forma de seios,

e o corpo das ondas
repousa no musgo,

onde a vaga espalha
as verdes guedelhas

das tranças molhadas
desfeitas em prata.

E após a ressaca,
retorna, incendeia

o sol que se espraia
no adorno da orla,

e o brilho das pedras,
metal no marulho,

sonâmbulo canto
da concha na areia,

no espelho das águas,
na língua de espuma

do sonho na concha:
úmido silêncio.

Segunda Elegia

pesadelo

miares sinistros:
gatos pardos passeiam
entre os cacos do telhado

num golpe de navalha
a noite ríspida:
nacos de alma em carne viva

nenhum súbito ímpeto
relampeja entre as nuvens
maciças de cinza sujo

sonho

sala ampla e arejada,
o frescor das tardes de primavera:

um vestido leve de seda pura
em tons pastéis, o breve baile
entre beijos suaves

lá fora,
o sol estende-se em estupendo lençol:
enorme plantação de laranjas

lá dentro,
as cores do vestido parecem mais quentes,
lampejo de corpos, fagulhas de vida

despertar

na flor da pele
a alma na boca
o sangue de orvalho

Alba

azul extenso e dentro, um sol rosado,
branco anil o céu, depois o leito
ainda em ondas o lençol acetinado

mas ao romper da noite ele partiu com meus gemidos,
ele partiu antes da noite terminar de todo,
e o leito ainda em ondas e o lençol acetinado

no meu corpo ondas tristes, e a noite nem findava
e o sol abria uma fenda branca no firmamento
e no lençol era dia, e ardia o vento frio da manhã

e aquele branco extenso e dentro, um vazio azulado:
o amigo se foi antes da noite sair
e o corpo anda frio abandonado

azul da noite quente de verão, um frio danado e branco
de manhã, quando a noite partira, ele partira ainda antes
as ondas acetinavam o lençol do corpo abandonado

e o leito anda em ondas, meu corpo findava o gemido
quando a noite chegava ao fim, e o dia azulado
amolecia o lençol acetinado sob a luz da manhã

e o frio do dia, de repente, ardia sobre as ondas do lençol
um sol rosado, branco anil o céu, depois o leito
em ondas anda extenso e dentro, o frio da manhã.

O Cimo

O sumo da fruta me embaraça o paladar
é um fruto doce como se fosse mel
acumulado

o sumo da fruta me abraça o céu da boca
e desliza suave como se fosse algodão
acumulado

o sumo da fruta me entorpece o paladar
e sufoca os sentidos como se fosse ópio
acumulado

o sumo da fruta me enobrece o céu da boca
e suprime o marasmo como se fosse um susto
acumulado

o sumo da fruta me agita o paladar
e sacode o tempo como se fosse guerra
acumulada

o sumo da fruta me agride o céu da boca
e batalha com a saliva como se fosse loucura
acumulada

então eu surto amolecida mordo a vida
e suspiro profunda lambendo o fim do sumo
acumulada

A Outra Face

Besta faminta. Devora o milagre.
A nudez agressiva esfola e esfola
e apanho na cara.
Gozo muito. No desespero de salvar a
carne. Sei que ressuscito. Ávida.

Fetiches

Olhos feito mãos dentro das coxas
as pupilas vibrantes entre as frestas
roçando o rendilhado branco
no meio túmido entre as pernas.

Ai, quanta deselegância
eu provocar tanto constrangimento!
mas depravada ainda sinto o grão prazer
daquele breve erguer das sobrancelhas.

Da Arte de Seduzir

em detalhes

perfumar o corpo jasmim
e sândalo nos ombros nus
a cabeleira em desalinho
se derramando a meia-taça
da peça íntima escolhida
previamente exhibe o contorno
robusto um decote preciso
valoriza o colo e os seios
insinua o torneio das pernas
na meia-calça cor de noite
o vestido justo elegância
na curva dos cílios na sombra
dos olhos a prata dos brincos
de argolas num salto a sandália
brilhando a fivela dourada
destacando a graça singela
e espantosa dos tornozelos.

Suspiro Vermelho

I.

Mulheres que saem da sua pele
retiram dos seios
vultos dilacerados
afogam os dedos
no fundo da carne

Mulheres que saltam dos seus poros
esvaem das veias
desfalecidas

A língua estirada
sob um suspiro vermelho

II.

Verter amor na sede. Ferida no mar.
Cicatriz. A onda rude que me abate.
Ou não haver margem para escapar.

Pleno deserto. Há flores de sangue.
Mulheres líquidas
que esvaem.

Pedinte

Quando esse amor perder o seu brilho imortal
estarei submersa
no esperma vermelho da morte
pedindo um segundo.

Da Sede Sempiterna

Quando no seu corpo me ausento
de mensurar tempos, espaços;
quando nenhum embaraço passa
a ser nó e outra vontade
será a mesma sede dos bichos
debruçados num riacho:
não sou plena, mas me basto
como se transformasse
todo o desejo em
saciedade.

Marca das Origens

Deus despeja sua ira: o Corpo.
E toda vida se abre e tudo é possível.
Você abandona sua força no meu dorso,
e a marca das origens
vem ferir suavemente minha pele que brilha.

Não sou só o corpo nem só o corpo me habita.
Sou o que move o mundo e o seu canto,
o que me faz mulher e a sua fibra masculina;
alma que ultrapassa o sonho das partículas:
penetra mais fundo para senti-la.

Deuses bárbaros povoam as costelas.
Sereias minúsculas mergulhadas na vagina.
A mágoa de deus, oceano:
borboleta verde-azul que se debate infinita.

Seus músculos, o rosto, um coágulo
peixes sob o útero: a flor carnívora.
Sou novamente o corpo e além do corpo
a alma das partículas:
– Penetra mais fundo para senti-la.

Águas são Deserto

I.

Não há porto, amor, não há porto.
Nosso mar é um corte de água no tempo.

Não há orla, amor, não há orla.
Há cordilheira, floração, cratera
nas marés.

Para nós, leme e prumo são sonhos da ventania.
Por isso respeitamos o rumo das águas insones.

Mas as âncoras dos bons, as âncoras dos puros
estão fincadas no fundo de um mar sem ondas.

A multidão é um fantasma sem tormento.
Navio desembocando no inferno:
mulheres frígidas e homens santos.

II.

As águas. Eram turvas.
E dali, podíamos ver uma flor de narciso.
Sinto sono. Corpos nus.
Não podem ser vistos, mas dançam.
Águas são deserto. Não podem refletir.
Estamos submersos. Surge um cão: o Cão.
Vai arrancar nossa cabeça.
Somos devorados. Vejo satisfação
em cada um dos olhos cegos.

Outra Vez o Corpo

O fruto da bondade
não explodiu nesse solo rude.
Somos o Corpo e outra vez o corpo.
Animal divino que saqueia e fere,
cobre de lírios esse ventre estrangulado.

Sob o frêmito

Da saliva quente, o primeiro vulto.
Ao redor das omoplatas sibila o segundo.

Do baixo-ventre o terceiro pula.
Num volteio ímpar constrange a cintura.

No instante em que o quarto surge do artelho,
sob o frêmito, vem a turba.

Os olhos sucumbem nas dobras do corpo.
A língua, na frincha.
E a face turva.

Litiokó

Suponhamos,
você me convence
de que eu devo levantar
a blusa, só um pouquinho, pra você
encostar de leve a língua em meu umbigo
e ver a pele molhadinha só um pouquinho, só um
pouquinho, não é mesmo? Então, seguindo esse raciocínio,
apertando-me a cintura até eu perder o tino, esfregava a barba no
meu rosto e o corpo bruto contra o ventre amolecido, mordida o pescocinho,
murmurava na orelhinha uns segredos devassos, enquanto seu torso imponente
comprimia minha barriguinha; assim, naturalmente, gozava na minha cara e depois
dormia?

Suponhamos, no entanto, que eu prefira vê-lo de joelhos. E ordene: de joelhos! Agora vá
beijando meus pés até que eu mande você parar; mas antes, grite: "minha deusa, minha
deusa!"
implorando complacência, depois deite. Pra que eu possa encaixar o meu
quadril no seu e cavalgar, enquanto falo sobre o quanto foder com outro
homem, nesse instante, poderia ser igualmente bom, ou até melhor,
dando uns tapas na sua cara engraçada, cheia de espanto,e, de
repente, te fizesse com os
dedos tudo o que um
homem não pode
fazer com o
membro.

Marcial

sugo
aflita e fluente
o gosto firme do teu sexo

Molinete

O sol branco empalidece:
deserto preso
entre vigas de alma.

O inimigo é o outro, me espreita:
deita na mesma noite,
no mesmo deserto de mim.

De armadura e espada brilha
perdido entre vigas de alma.

A batalha em silêncio.
O guerreiro, no espelho invertido.

Poliedro

Ao meio dia, a praia queima,
o mar verdeja, a sombra rubra,
o sol golpeia as ondas e
as águas, líquidas fagulhas,

virando onda, e, de repente,
como se a areia crepitasse,
feito de um vidro incandescente,
espalhasse o brilho, estilhaços;

e ao mar, a língua de fogo
do vento laranja subindo,
trouxesse o ímpeto dos fortes
e a aparência dos guerreiros,

e como um elmo prateado,
o cintilar sobre o cardume,
e a vivacidade das cores,
compondo um quadro impressionista.

E a praia, como um espelho,
um poliedro envidraçado,
a batalha de rubro e prata,
e o enorme incêndio nas águas,

como reflexos de tinta.

Presságios

A lua (mancha do sol)
espelha a face do homem
dissolvida na eternidade.
Os animais intuem a curva
em que todas as formas se equilibram
para não cair no esquecimento.
Mas nada interrompe o curso da sorte.

A garganta do vale se abre primeiro.
Um anjo surge e anuncia em silêncio
as forças que pulsam na água e na terra.
São homens que sentiram no dorso
o presságio dos bichos.
Depois, a visão da queda: coroa pendurada no deserto.
Ou paixão pelo homem esmaecida
no tempo arenoso das origens.

Vemos, do alto, nossa casa.
Crianças dormem. O homem tem sede.
Dolores clama pelo doente.
Mulheres lêem o salmo 63.
Dolores pensa: melhor fechar as janelas.
E apaga a luz.

Não cabem visões de plenitude.
Mas cortam o ar espesso
imagens da dor ancestral.
Serpente que durante a noite penetra a areia
e arrebenta escamas de prata: primeiro oceano.
Tudo sombra de deus. E tudo marchando adiante.
Cavalaria bem adestrada de um haras qualquer.

Os homens sucumbem antes. Pois partem mais cedo.
Esporas sobrando. Fogem da própria sombra e temem
as vozes mais sinceras do sonho.

A lua pende nesse grande ermo.
Pulsam resíduos do segredo.
E cantos dissolvidos no mar.

Galerias

1.

Galerias de estrondo. O regresso, impossível.
Estes corpos, ponto dolorido na paisagem.
E há tanto desamparo.

Julgo ver, neste instante, seu rosto, o enigma.
Face-relevo no tempo sem margens.
Corda tensa. O rangido abre a noite.
E cantamos.
A orla crepita: imagens verdes.
Apartados, eternamente apartados.
Nos ferimos. Pois não basta este sonho,
e seu corpo dói mais do que todos.

Penso descer. Penso tocar sua pele:
relevo no espaço sem margens.
Penso ficar em silêncio e sorver o encanto.
Sua voz, entre todas as outras, mais grave.
Eu me afogo em segredo: não basta.

2.

Não há repouso nestes lugares.
Quebro fronteiras, julgo traçar uma rota.
Mas tudo se move. O regresso, impossível.

Não há casas. Eu sei, não há casas.
Há fugas escondidas.
E migramos.

Sabemos dos nomes: harpa, solfejo, farsa.
Ou tragédia entre duas asas.
Nomes. Nomes. Nomes.
Não há repouso nestes lugares.

3.

Digo: nenhum deus nos habita.
O céu se estende, vazia plenitude.
Há dias vejo galerias de estrondo.
Ontem, cantamos.
Você me toca, eu me afogo, não basta.

4.

Embebidos na miragem: suor e tempo.
Meu silêncio persegue a música
do seu país selvagem. Não encontro
refúgio: feras, ruínas
(de amores largamente celebrados).

Assustam. Porém, sigo.
A beleza: implacável.

Retenho este segundo
entre os lábios. Bebo o seu sêmen
até o último gole.
E o desamparo.

Sumidouro

Ao redor do quarto
migra um cortejo de aves. Não vemos
pois estamos fechados.

Ao redor do quarto
um barco repousa em um mar sem ondas. Não vemos
pois estamos partindo.

Ao redor do quarto
baleias abertas e peixes mortos cobrem a angra. Não vemos
pois estamos sangrando.

Porque estamos sozinhos não vemos
suicidas engolfados nas brânquias tóxicas
dos cardumes. Não vemos

a morte solitária dos corais. Não vemos
a embarcação vazia permanecer
no silêncio das águas. Não vemos:

pois estamos no escuro.

Trama

como se esgarça a penumbra
e entre as sombras se encontra
uma flor branca

a noite fria se adelgaça
e a impressão se emaranha
na trama de luz da manhã.

Sempre Serás

No vento ocre o perfume das flores
nos odres de vinho perduram vergadas
as uvas maduras e embora não dure
verdade nenhuma contra a luz do sol
na sombra das águas um chão sem pegadas
e sempre serás.

A Flor Aberta do Meu Grito

I.

Se as mesmas perguntas inúteis nos interpelam
mergulhamos no sangue, maculamos a clareza
no vermelho escuro das nossas artérias.

E surdos a tudo, alheios a tudo que não seja a queda:
o corpo exangue, o salto cego, a flor aberta do meu grito
em carne espessa.

II.

Quero beber do seu corpo a noite e o dia
e o clarão do seu espírito exilado.

No interior da sede sempiterna encontro o oásis
e a aridez do seu país selvagem.

III.

Desatrelada da pele a cavalaria
Os trovões do tropel. Os cavalos em fuga.
O baque surdo nas costelas.
Sangra o corpo. Uma fenda.
Corcéis exibem o torso no meu umbigo.

IV.

O amor se desprende das dobras do corpo e da morte,
de tudo o que nos falta e sobeja,
arrasta nossa alma em praça pública
e ergue a beleza.

Himeneu

I.

Um perfume aloé
e romã entre os lábios
deve furtar o bom senso
de todas as mulheres

Nesse corpo que é virtude
qualquer das almas
se perde É natural
portanto ver as mulheres

despidas de sua casta
impostura enfim
despidas entregues
nesse corpo que é virtude

Mas agora entre os brincos
esse rosto enfeitado
de rubro e as maçãs
à espera da marca

prometida no olor
amargo do aloé
Desejo partir embora
fique desejo ficar

embora fuja desejo
beber dessa taça acre
e ver na bebida o sangue
esvaindo amado

II.

O amor é meu rebanho
Em disparada invade
descampados onde é rude
inverno onde é rude

o veraneio onde é rude
qualquer tempo pois há sempre
tempestade e guardar
o rebanho dos males

sua como um regalo
E se cuida desse gado
e alimento com finas iguarias
a manada e apascento

meus bichos como quem
em si a si afaga

desata o armento
mais obstinado por montes

outeiros em vã disparada
o amor não me permite repouso
o amor não me permite
consolo o amor sequer

me abandona onde encontro
manjares que saciem
parte de sua fome
desmedida aceito

viver em combate
sorver a ferida
sempre aberta sempre
ferida aberta o amor

III.

Cantos floridos ecoam
de Hebrom e belos sírios
e belas sírias venham
dançar em nosso rito

Nossas bodas são pagãs
e abrigam toda casta
Mas trouxei passas senhor
sem demora maçãs

pois estaremos fracos
depois de tamanho baile
E como são belos e ágeis
nossos gentis convidados

Convidemos os mais hábeis
para adentrar nosso quarto
e acompanhar de perto
o deleite puro.

Bendito o corpo
tudo profana
enquanto de velhos cantos
tecemos guirlandas.

A Morte Canta. O Corpo Sonha.

Horas em chamas

Bebe a chama escura das horas,
o sangue do tempo.
Deita na sombra que estiola
no corpo sedento.

Cada segundo é uma porta aberta

Vejo seu dorso.
Quero tapar todas as frestas.
Mas você foge entre os dedos, nos seios,
no meio das pernas.

Enquanto a morte canta

Esse sopro de gelo na espinha é a morte que canta:
Não se retém o amor na concha das mãos.
Não se retém.
O amor, não se retém. Fica.
Enquanto puder.

O corpo sonha

Não vive a despedida com afinco.
Mas suga o primeiro pasmo até a última gota.

Há tanto mistério a ser capturado em pleno dia.
Há tanta noite umedecida no sonho do corpo.

Migrar

Matrimônio de vogais: agora nada.
Fica a distância entre o corpo e a palavra.
Sequer a marca do sol ou da sarça.
Faróis azuis na memória, e mais nada.

Além do mar, o tempo não traga.

Gaivotas mergulham sem regressar ao quadro.
Nenhum nome persiste além do enigma: migrar sempre.
E esta noite é tudo o que temos.

Toda palavra é precária: flor, pauta de aves, rosa clara.
Nada persiste além da chaga.
Seus instantes de amor, suor e toque, a enseada.
A solidão não une. Tudo nos separa.

Além do mar.

Negro, meu espírito recorda exílio prolongado.
O golpe solar não muda esta noite, minha pele.
Todo nome é grave e transfigura.
Só posso oferecer esta noite, e mais nada.

A morte eclode em cada verso. Nudez necessária.
E só posso oferecer isto: o sonho primitivo
dos corpos sem busca. A mágoa.
Renuncio ao amor, pois sou precária.

Outros amantes espalham gemidos pela casa.
São todos comuns em seus homicídios e meias-verdades.
Uma vez foi dito: é para sempre. Ao meio-dia, uma vez e basta.
O espelho sempre nos mostra o que nos falta.

Mesmo esta paisagem sucumbe em seus vocábulos.
É belo naufragar entre os meus lábios.
Renuncio a ti, amor, pois sou precária.
Além do mar, um país sem nome me aguarda.